

APRESENTAÇÃO DO TEXTO *A IDEIA DE FORMAÇÃO*, DE EDITH STEIN

Juvenal Savian Filho (Unifesp)¹

1 CONTEXTO

A ideia de formação é um texto escrito por Edith Stein, em 1930, para ser apresentado como conferência a professores católicos (certamente atuantes na educação básica), em um encontro promovido pela região alemã do Palatinado.

A conferência foi pronunciada na cidade de Espira, no dia 18 de outubro de 1930, como se pode comprovar, entre outros documentos, pela carta escrita por Edith Stein a Emil Vierneisel, em 09 de outubro, na qual ela pede para mudar a data da visita que ele lhe pretendia fazer. Propõe sua vinda logo após o dia 19 de outubro, porque, como ela declara, “No dia 18, tenho uma grande conferência para professoras e professores que precisa ser muito bem preparada, mas ainda não está pronta”.²

O texto foi publicado pela primeira vez na revista da Associação dos Professores Católicos Bávaros, intitulada *Zeit und Schule* (Tempo e escola), número 22 (16 de novembro de 1930), às páginas 99-102, com menções ao texto feitas também às páginas 27 e 107. Na primeira edição das obras de Edith Stein, promovida pela editora Herder nas décadas de 1950-1960 (*Edith Steins Werke* – ESW), o texto aparece no volume XII, às páginas 25-38. Por fim, na edição crítica definitiva e publicada também pela editora Herder (*Edith Stein Gesamtausgabe* – ESGA), ele se encontra no volume 16, às páginas 35-49.³

¹ Doutor em Filosofia pela USP. Professor da Unifesp. E-mail: juvenal.savian@unifesp.br

² STEIN, E. *Selbstbildnis in Briefen*. Vol. I. Ed. Maria Amata Neyer. Friburgo/Basileia/Viena: Herder, 2005, p. 133-134 (Carta 110). (Col. “Edith Stein Gesamtausgabe”, vol. 2).

³ Cf. STEIN, E. Zur Idee der Bildung. In: STEIN, E. *Bildung und Entfaltung der Individualität – Beiträge zum christlichen Erziehungsauftrag*. Ed. Maria Amata Neyer; Beate Beckmann-Zöller. Friburgo; Basileia; Viena: Herder, 2001, p. 35-49. (Col. “Edith Stein Gesamtausgabe”, vol. 16).

Da perspectiva da biografia de Edith Stein, o ano de 1930 (quando escreve e apresenta a conferência) foi de plena efervescência, tanto no plano intelectual, como afetivo, profissional e religioso. No plano intelectual, convém lembrar que ela já atingira, por assim dizer, a maturidade, seja no tocante à intimidade com a fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl (com a qual trabalhava havia mais de quinze anos), seja no tocante ao fato de ter-se tornado, mais do que apenas uma discípula especializada no pensamento do mestre, uma pensadora “em primeira pessoa” especialmente pela identificação e tratamento de novas problemáticas (por exemplo, uma possível abertura e passagem, em registro rigorosamente fenomenológico, à metafísica; o acionamento de elementos filosóficos desenvolvidos na Idade Média como recursos para consolidar o tratamento fenomenológico de certos temas; o diálogo crítico com o pensamento de Martin Heidegger; e assim por diante). Ela já havia publicado, além de textos menores, as obras *O problema da empatia*, *Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito*, *Uma investigação sobre o Estado* e preparava *Potência e ato*, bem como *A estrutura da pessoa humana*. Ensinava no Instituto de Pedagogia das irmãs dominicanas, em Espira, desde 1922 (atividade que encerrará em 1932) e consagrava-se ao estudo sistemático do pensamento de Tomás de Aquino e a diferentes traduções, entre elas a *Questão disputada sobre a verdade*, do próprio Tomás. Assim, no período que vai dos inícios dos anos 1920 até os inícios dos anos 1930, Edith Stein, mesmo ao ver uma cátedra de filosofia ser-lhe recusada na universidade pública, desenvolveu intensa atividade intelectual, tanto no sentido da sua admirável produtividade (ela leciona, escreve, orienta pesquisas, auxilia debutantes, viaja pela Europa a convite como conferencista etc.), como sobretudo no do aprofundamento de seus estudos pessoais e no da consolidação do material fenomenológico-metafísico que ela acumulara em seu espírito. É nesse período que ela se interessa pelo pensamento de John Henry Newman e Erich Przywara, entre outros, mas não cabe, aqui, nesta breve Apresentação, pretender evocar todas as informações que os leitores podem encontrar facilmente nas diferentes sínteses biográficas da pensadora já à disposição, particularmente a obra escrita por ela mesma, com memórias suas e de sua mãe.⁴

Certamente, porém, vale a pena trazer à tona uma informação poucas vezes ou nunca comentada por seus biógrafos, embora bastante significativa para a

⁴ Cf. STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018. (Col. “Obras de Edith Stein”, vol. 1).

compreensão da sua situação intelectual nos anos 1930. Sabe-se que, para além de seus estudos, digamos, “técnicos”, Edith Stein era uma amante inveterada de literatura, poesia e música. Precisamente em 1930 e nos anos seguintes, ela se dedica à leitura da obra do escritor e musicólogo francês Romain Rolland (1866-1944), pela qual desenvolveu imediatamente uma afeição inigualável. Rolland, possuidor de uma cultura forjada pela paixão pela arte e pela música, bem como pela revalorização do *ideal do herói*, procurou conduzir sua vida mediante uma verdadeira comunhão com todos os que encontrava. Sua exigência de justiça o levou a iniciativas para instalar paz em diferentes contextos, mesmo durante a Primeira Guerra Mundial e depois dela. Era animado por um ideal humanista e pela busca de um mundo não violento; admirava especialmente Léon Tolstoï (1828-1910), grande defensor da não-violência, Râmakrishna Paramahansa (1836-1886) e Swami Vivekananda (1863-1902), pensadores e místicos hindus, e ‘Abd-al-Baha (1844-1921), intelectual e místico do bahaísmo (religião abraâmica e monoteísta, fundada na crença na unidade espiritual de todos os seres humanos). A partir de 1895, Romain Rolland foi professor de história da arte e de história da música, mas em 1910 deixou o ensino para consagrar-se à produção literária e à crítica musical. Em 1915, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura com a obra *Acima do confronto*, verdadeiro manifesto pacifista. Escreveu também biografias, como as de Beethoven (1903) e de Mahatma Gandhi (1924). Geralmente, suas obras giram em torno de um eixo: um particular idealismo patriótico combinado rigorosamente com uma concepção internacionalista (ou, diríamos hoje, cosmopolita) do ser humano. O acerto e o impacto de suas análises literárias (bem como de suas críticas musicais) pode ser observado, entre outros, no fato de o seu comentário à obra *O futuro de uma ilusão* (1927), de Freud, ter servido como premissa para o médico-psicanalista austríaco escrever *O mal-estar na civilização* (1930). Conta-se ainda que o filósofo italiano Antonio Gramsci, ao escrever na prisão que o “pessimismo da inteligência” não deveria abalar o “otimismo da vontade,” tinha a obra de Rolland em mente, o que é bastante provável, pois esses são dois temas muito caros à sua obra, como se observa, por exemplo, em *O triunfo da razão* (1899), *A era do ódio* (1918) ou, ainda, *Acima do confronto*, já citada aqui.

Não se pode pretender, é claro, que a consciência política de Edith Stein e seu engajamento efetivo tenham sido suscitados pela leitura de Romain Rolland; afinal, desde 1919 ela se afilia ao Partido Democrata Alemão (de orientação de centro-esquerda, com a participação de mulheres e judeus), sobretudo a fim de discutir os

rumos da reconfiguração pretendida pelo Império e de lutar pelo voto feminino. Vem dessa época também a sua autodeclaração como feminista, bem como a sua profunda decepção com o ideal prussiano ao qual havia sido sensível: ela critica abertamente a militarização da Prússia e o antissemitismo. Esses e outros dados podem ser conferidos tanto na obra *Vida de uma família judia*,⁵ como nas cartas de 1919, especialmente as trocadas com Roman Ingarden.⁶ No entanto, o que Edith Stein, mediante a leitura de Romain Rolland, parece assimilar, ou pelo menos fortalecer e enraizar indelevelmente em seu espírito, é o ideal de uma Europa unida em meio a uma humanidade também unida, recusando todo tipo de nacionalismo e autoritarismo. Aliás, após suas leituras de Rolland, ela declara mais abertamente seu feminismo, seu pacifismo e sua atitude crítica em relação ao próprio Partido Democrático Alemão. Por fim, procurou contribuir *como filósofa* nesse quadro de debates, recusando a ideia moderna de direito natural, reconcebendo o direito das gentes e descrevendo os Estados como ampliações de estruturas comunitárias segundo uma dinâmica em que Estado e direito nascem juntos.⁷

No plano afetivo, Edith Stein, nos anos 1930, encontrava-se cercada de muitos amigos e desenvolvia, já havia alguns anos, um contato estreito com o arquiabade da Abadia Beneditina de Beuron, D. Raphaël Walzer. Para além do aspecto intelectual, o jesuíta Pe. Erich Przywara tornou-se um verdadeiro compnaheiro de Edith Stein, sem esquecer a relação intensa (embora nem sempre fisicamente próxima) com Anne Reinach (viúva de Adolf Reinach), Theodor e Hedwig Conrad-Martius, Gertrud von Le Fort, entre outros, bem como com as monjas carmelitas dos dois mosteiros de Colônia frequentados por ela. Por fim, no plano religioso, Edith Stein encontrava-se, em 1930, também em pleno amadurecimento e desenvolvimento. Se, nesse aspecto, costuma-se equivocadamente mencionar o *Livro da vida*, escrito por Teresa d'Ávila (e lido por Edith Stein em 1933), como “estopim” ou motor da conversão steiniana, é preciso lembrar que o processo de sua conversão iniciou muito antes, já por volta de 1915, tanto pela sua observação da alegria manifestada por seus colegas que tinham fé como pelos seus estudos dos *Exercícios espirituais*,

⁵ Cf. idem, *ibidem*.

⁶ Cf. STEIN, E. *Selbstbildnis in Briefen*, op. cit., p. 39-51; STEIN, E. *Selbstbildnis in Briefen – Briefen an Roman Ingarden*. Ed. Maria Amata Neyer. Friburgo/Basileia/Viena: Herder, 2005. (Col. “Edith Stein Gesamtausgabe”, vol. 4).

⁷ Cf. STEIN, E. *Uma investigação sobre o Estado*. Trad. Maria Christina Siqueira de Souza Campos. São Paulo: Paulus, 2021.

de Inácio de Loyola, da *Escola do cristianismo*, de Kierkegaard, e das *Confissões*, de Agostinho de Hipona, entre outras obras (lidas certamente entre 1916 e 1921).

Assim, em 1930, ao preparar a conferência *A ideia de formação*, Edith Stein encontra-se em plena atividade e comporta-se como pensadora autônoma que se põe voluntariamente a serviço a compartilhar seu trabalho lá onde é solicitada.

2 CONTEÚDO E ESTRUTURA DO TEXTO

O conteúdo da conferência de Edith Stein é explicitado já pelo seu título: o sentido ou a essência da formação (e, como se verá, a formação voltada particularmente ao ser humano). É curioso observar, porém, que, embora os organizadores do encontro com os professores do Palatinado tivessem fixado um tema, Edith Stein discretamente dele se desvia e não o toma por título de sua conferência, mas apenas como subtítulo de uma das partes; afinal, no limite, ela não concordava com a concepção e a abordagem dadas ao tema pelos organizadores do encontro. Ela o relativizará, e mesmo o contradirá no item III, 1 de sua exposição.

O motivo da, por assim dizer, “solução diplomática” de Edith Stein (embora ela não faça rodeios ao criticar o tema) vem de sua *constatação* de que toda formação, no sentido próprio de uma contribuição para que algo ou alguém desenvolva possibilidades inscritas em sua natureza, requer tanto um material a ser formado (algo ou alguém, com fatores vindos do seu entorno, do seu interior ou de ambos) como um formador (aquele ou aquela que, visando uma imagem originária, auxilia na aproximação sempre maior em relação a essa imagem, ou, ainda, considerando um modelo já existente, ajuda em uma modelagem possível).

No parágrafo anterior desta Apresentação, empregamos propositalmente o termo *constatação*, porque ele permite entender duas características centrais da conferência de Edith Stein: 1) a aplicação rigorosa do método fenomenológico; 2) a estrutura mesma de seu texto, decorrente de maneira direta do método fenomenológico.

Com efeito, convidada a analisar o tema da formação, e sabendo que seu público era composto por professores da educação básica, Edith Stein não tinha dúvida de que a melhor abordagem do tema residia em operar uma *fenomenologia da formação*, partindo dos fenômenos mais elementares nos quais se manifesta a essência da atividade formadora até chegar aos fenômenos mais complexos de mesmo tipo, tomando sempre rigorosamente a constatação de evidências como fundamento para toda e qualquer afirmação sobre a formação e como critério para

análise da autenticidade do que quer que se pense sobre ela. Um parêntese: o termo *formação*, na conferência de Edith Stein, designa a efetivação tanto de uma *imagem originária*, como de uma *modelagem* segundo padrões, como, ainda, da *educação* em geral, mas a esse campo semântico voltaremos adiante.

O que, de saída, mais chama atenção no texto de Edith Stein é o fato de ela *não* o iniciar com uma definição de formação, mas pelo sentido em que geralmente se emprega esse termo. É só aos poucos, à medida que ela explora diferentes maneiras de referir-se em geral à formação dos diferentes tipos de entes (inertes, como os minerais, a madeira morta etc.; e vivos, como as plantas, os animais não racionais e os animais humanos), que se visualiza a *formação como tal*. Não é por acaso que, mesmo tendo mencionado já desde o primeiro parágrafo a formação, a imagem, o material, a modelagem e o que há de originário, é somente ao longo do texto, com a observação sistemática e paciente do modo como faz sentido pensar na formação dos vários tipos de entes, que Edith Stein permite-se emitir afirmações sobre o sentido do *formar*. Justamente por saber que seu público era composto por professores da educação básica, Edith Stein decide não partir de uma definição de formação ou de educação, e menos ainda pressupor uma definição a ser discutida com elementos para confirmá-la, melhorá-la ou recusá-la. Se assim tivesse agido, Edith Stein teria certamente adotado uma postura legítima (sobretudo porque se encontrava em um contexto escolar, no qual, em geral – e particularmente no início do século XX –, sempre se buscam as melhores maneiras de estabelecer vínculos entre os membros da comunidade escolar com vistas à formação), mas tal postura seria a de uma teórica da educação, de uma pedagoga, de uma psicopedagoga. Ela teria, enfim, apenas defendido mais uma visão educativa ou uma metodologia ou outro elemento pedagógico. Aliás, a esse respeito, Edith Stein teria muito a dizer, dado que possuía uma considerável formação em pedagogia e psicologia;⁸ e ela o fará em outros textos, sobretudo aqueles referentes à natureza feminina, à formação da mulher, ao voto feminino etc.⁹

No entanto, para o caso dos professores primários do Palatinado, ela decide comportar-se como fenomenóloga e ir à raiz do sentido do ato de formar, extraíndo todas as camadas interpretativas que se depositaram ao longo do tempo sobre o

⁸ Cf., por exemplo, STEIN, E., *Vida de uma família judia*, op. cit., parte V, p. 225-278.

⁹ Cf. STEIN, E. *Die Frau*. Ed. Maria Amata Neyer. Friburgo; Basileia; Viena: 2000. (Col. “Edith Stein Gesamtausgabe”, vol. 13).

fenômeno da formação, a fim de chegar ao que há de essencial, nuclear e inegociável nesse fenômeno. Assim, para empregar o termo *definição* (tão caro a leitores ávidos de encadeamento argumentativo), convém dizer que, em fenomenologia, algo como uma definição nunca pode ser dado de início ou pressuposto, mas obtido apenas ao final da descrição o mais detalhada possível do fenômeno em questão; ou, em outras palavras, ao final de uma análise rigorosa daquele intercâmbio ao qual se costuma chamar, em geral, de *consciência, conhecimento* ou *percepção* e no qual um objeto ou conteúdo perceptível se doa a uma subjetividade que o acolhe segundo tudo que ela investe de si mesma e em obediência às estruturas e ao modo de ser que o objeto investigado revela em sua autodoação. Falando, portanto, a professores envolvidos com a educação básica e considerando que, para eles, o mais adequado não era apenas discutir mais uma nova teoria pedagógica, Edith Stein os conduz ao que justifica considerar real e autêntico o processo de formar.

Edith Stein possibilitava aos seus ouvintes, com isso, evitar um problema teórico-metodológico por ela observado em praticamente todas as áreas do saber: o problema de operar com conceitos (expressos em definições) sem clareza sobre o seu sentido efetivo, porque seus fundamentos mesmos não são investigados: historiadores, por exemplo, falam de fato e de interpretação, mas sem analisar a essência de um fato e de uma interpretação; psicólogos falam de alma ou de corpo, mas não perguntam o que justifica falar de alma ou de corpo; físicos produzem teorias para explicar eventos naturais, mas não perguntam pelo fundamento que permite falar de causalidade; e assim por diante. Já o que faz Edith Stein em sua sua conferência é trazer à tona o núcleo luminoso que permite falar da *formação como tal*, sem nada pressupor nem tomar como já esclarecido. Seu objetivo era que, somente a partir daí, as professoras e os professores se vissem preparados para interpretar a formação, propor-lhe novos sentidos, elaborar métodos, adotar teorias etc.

Aos leitores apressados, porém, a conferência de Edith Stein mostra-se frustrante (e certamente de propósito), pois não oferece uma fórmula única que fixe estaticamente o sentido da formação. Se, como se diz, a fenomenologia é uma ciência de essências, nota-se que Edith Stein, no entanto, não cristaliza a essência da formação. Mais ainda, é muito curioso que, embora a conferência intitule-se *A ideia de formação* (o que nutre naturalmente nos leitores a expectativa de que tal ideia seja apresentada explicitamente), é *somente no título* que aparece tal expressão. As razões disso são certamente as mesmas aventadas acima: Edith Stein prefere que tal ideia se manifeste aos poucos, e, diríamos, intuitivamente (no sentido de

um conhecimento ou contato direto com um fenômeno), ao longo de uma análise rigorosa e paciente cujo ponto de partida é o que há de mais elementar na atividade formadora (a formação dos minerais por meio de um movimento que vem de fora deles), até chegar ao que pode haver de mais sublime como atividade formadora (a formação dos seres humanos por dentro, mediante a ação divina).

Dessa aplicação do método fenomenológico decorre, como anunciamos acima, a estrutura mesma da conferência de Edith Stein, que se divide em quatro grandes partes: I – Material da formação; II – Formação do espírito; III – Fatores formadores; IV – O originário. Os leitores sentir-se-ão como que conduzidos pela mão por Edith Stein ao identificar todos os tipos possíveis para falar de entes *que* podem ser formados e *como* podem ser formados. Mas será apenas ao final desse itinerário que ela explicitará algo cuja compreensão parecia necessária desde o início: o originário ou aquilo que é do fundamento com base no qual se dá a formação, a educação, a modelagem ou até mesmo, segundo o tema por ela introduzido no item II, 1, o treinamento.

Sua estratégia, ao deixar o tema do originário para o final de sua exposição, é perfeitamente compreensível se se tem em mente que, no tratamento do tema da formação, o originário ou o fundamento é o que há, por assim dizer, de mais “abstrato” ou de menos perceptível naturalmente, embora na ordem, digamos, essencial, ele seja absolutamente primeiro, uma vez que vem dele o que se espera com a formação. De todo modo, em uma conferência construída a partir dos fenômenos mais evidentes, não convinha iniciar pelo tratamento de algo que exige passos em um terreno menos “palpável”. Todavia, o originário torna-se compreensível após o caminho percorrido por Edith Stein, sobretudo graças aos elementos por ela adiantados e descritos ao longo do percurso. É até surpreendente o modo como, mesmo antes de tratar em específico do que é originário na formação, Edith Stein consegue descrever o fenômeno do *treinamento*, introduzido no item II, 1 (em relação com a formação e com a modelagem), pois, em geral, treinar-se significa perseguir um alvo, um dado originário ou um fundamento que, embora pertença à ordem da finalidade, opera já como causa inicial por atração. Evidentemente, não é no treino entendido como exercício de ginástica que pensa Edith Stein em sua conferência (mesmo se tal significado possa ser aí incluído), mas na formação por repetição de atos, correspondente à capacidade de treinar forças ou possibilidades inscritas na natureza de um ente (treinamento do material de formação dos entes

vivos: os sentidos, a memória, a imaginação, o entendimento, o sentido afetivo, a vontade). Ora, ao abordar o fenômeno do treinamento, e dado que ainda não havia explicitado o que é originário ou fundamento na ação formadora, sua estratégia consistiu em mostrar que o treinamento de uma força, fazendo-se pela prática repetitiva dessa força, permite considerar a própria prática repetitiva como um bem. Assim, a prática repetitiva não é boa apenas porque proporciona um resultado desejado, mas é boa em si mesma, como meio legítimo de buscar um resultado. Obviamente, essa prática pode ser empregada em vistas de um resultado mau ou nocivo, mas, mesmo nesse caso, ela não deixa de ser boa em si e, portanto, desejável por si mesma. Edith Stein, com isso, descreve o treinamento como uma repetição valorizada – ou amada – precisamente como repetição; é uma repetição, por assim dizer, “feliz”. No limite, Edith Stein descobre um sentido para o treinamento que supera a ideia de mera repetição. Trata-se de uma capacidade (a repetição) desejável por si mesma; um bem.

Por fim, ao explicitar os diferentes aspectos que se podem identificar no originário formador, Edith Stein o exporá com a maior clareza possível porque o amplia para o campo da experiência da fé, “último” elemento que faltava à sua descrição da formação. Assim, sabendo que seu público era composto por professores católicos, Edith Stein acionou o dado bíblico, longamente explorado pela tradição teológica cristã, segundo o qual Jesus é o modelo de toda formação, porque é imagem do Pai, o originário envolvido em silêncio absoluto, e porque em Jesus tudo foi criado, o que o torna o que há de originário ou fundamento fenomenológico de tudo, além de imagem perfeita de toda formação.

Tal estrutura, no caso particular desta conferência, é ainda mais visível pelo esquema composto por Edith Stein e registrado, na edição crítica da *Edith Stein Gesamtausgabe*, antes do texto propriamente dito.¹⁰ O esquema permite, aliás, conhecer um aspecto da metodologia pessoal de Edith Stein, que compunha gráficos, sequências de itens, diagramas (ou o que hoje chamaríamos de “mapas conceituais”) etc. para estruturar os itinerários que concebia mentalmente e somente depois passar efetivamente à redação. Eis na sequência o seu esquema:

¹⁰ Cf. STEIN, E., *Zur Idee der Bildung*, op. cit., p. 35-37.

<Esquema da conferência>¹¹

Para o dia 18 de outubro <de 1930>

“Toda formação é formação de si mesmo; toda educação é educação de si mesmo.”¹²

<Trecho anotado no dia> 6 de outubro

I.

Formação

Múltipla significação da forma das palavras terminadas em *-ung*. Formar = formar uma matéria segundo uma imagem ou um molde. A matéria inerte é modelada a partir de fora; a matéria viva, a partir de dentro, exceto naquilo que ela tem de comum com a matéria inerte. A forma é: 1) a modelagem assumida pela matéria (ao que também se chama de formação); 2) aquilo que a própria forma dá como forma advinda do entorno ou do interior.

<Trecho anotado no dia> 7 de outubro

Formação a partir de fora: modelar ou formatar de acordo com uma imagem-forma definida; recriar uma imagem visível ou espiritual por meio de ações repetitivas, a fim de aproximar-se o mais possível dessa imagem. Já no ser vivo, a formação a partir de fora é possível desde que em consonância com a formação interna (nas plantas, por exemplo, com a poda, a fixação de estacas etc., e eventualmente com a proteção contra influências externas – como contra o vento, entre outras – que dificultam a formação interna).

Formação a partir de dentro. Nas *plantas*, organização do material em certa modelagem pela forma interna. No *animal*, além disso, há um dispor do material modelado, podendo-se ir além dele, eventualmente, por exemplo, para resistir a agentes externos (donde a interferência desses agentes ser limitada). Ainda no animal, há a possibilidade de *influenciar a formação a partir de dentro: seguimento das pulsões*. *Formar a forma interna: singularidade anímica (em consonância com a espécie), variável dentro de certos limites*. No *ser humano*: para além disso tudo [observado nas plantas e nos animais], *formação espiritual*: acolhida e organização de matéria espiritual. Relação e ação *livre*.

¹¹ A tradução do esquema da conferência é de responsabilidade de Juvenal Savian Filho.

¹² [As expressões “Toda formação é formação de si mesmo; toda educação é educação de si mesmo.” haviam sido propostas como tema do encontro organizado com os professores da educação básica da região alemã do Palatinado. Como já afirmamos e como se verá pelo texto da sua própria conferência, Edith Stein não as adotará como título e mesmo desviará delas, além de criticá-las. N. T.]

<Trecho anotado no dia> 8 de outubro

Lá onde há formação [de seres vivos] a partir do exterior, deve-se deixar dirigir-se pela formação a partir de dentro. Do contrário, não há formação, mas “adestramento” ou até mesmo deformação. No caso do ser humano, ele é dirigido:

- 1) com uma disposição típica da espécie;
- 2) com uma disposição individual;
- 3) com essência espiritual: conhecimento e vontade.

<Trecho anotado no dia> 9 de outubro

Alma vegetal = modelagem do material, estrutura e formação do “corpo [físico]”¹³ a partir de matérias recebidas.

Alma animal = “governo do corpo”, autopreservação ativa.

Alma humana = modelagem da alma para o que ela é chamada a ser, estrutura e formação do material *espiritual* acolhido. (Bens culturais – material: na sua significação para a estrutura dos bens formadores da alma.) A forma interna prescreve o que pode ser acolhido, como e para que deve ser modelado.

Órgãos espirituais de acolhimento.

Formação [de seres vivos] = formar a *alma inteira* para aquilo a que ela é chamada a ser. (Nisso concordamos com Willmann, Kerschensteiner, Eggersdorfer).¹⁴

<Trecho anotado no dia> 10 de outubro

Si mesmo = 1) original em relação a uma cópia ou imitação. O mesmo vale para coisas inertes. Não tomar isso em conta aqui.

= 2) a um só tempo *sujeito* e *objeto*, assim:

- a) = *movens motus* [em latim, movente movido] – inclui o animal;
- b) = *primum movens* [em latim, primeiro movente] – si mesmo *livre*.

¹³ [A respeito dos termos empregados por Edith Stein para designar o corpo ou a condição corporal, com suas respectivas traduções, cf., abaixo, no texto da conferência, a nota ii. N. T.]

¹⁴ [Edith Stein menciona aqui teóricos da educação por ela lidos: Otto Willmann (1839-1920) – cf., por exemplo, WILLMANN, O. *Über die Erhebung der Pädagogik zur Wissenschaft. Pädagogische Vorträge und Abhandlungen*. 4 Vols. Munique, 1884; Georg Kerschensteiner (1854-1932) – cf., por exemplo, KERSCHENSTEINER, G. *Der Begriff der Arbeitsschule*. Leipzig, 1912; Franz Xaver Eggersdorfer (1882-1958) – cf., por exemplo, EGGERSDORFER, F. X. *Jugendbildung*. Munique, 1928. N. T.]

<Trecho anotado no dia> 11 de outubro

De onde a alma extrai alimento: bens culturais, pessoas vivas, mundo supraterrâneo.

Como a alma se organiza.

Especificação no tocante à *educação*

<Trecho anotado no dia> 12 de outubro

Qual modelagem deve a alma assumir?

Ser imagem de Deus, mas à sua própria maneira.

Abertura a valores. Tudo acolher segundo sua significação própria e tudo ordenar em si mesma, de maneira que, assim como se descansasse, chegue efetivamente ao repouso e à paz. – Mas não um repouso *inativo*; só o que é material [inerte] é inativo; o espírito é vivo e vivaz: agir de acordo com aquilo a que se é chamado; sair da comodidade.

<Trecho anotado no dia> 13 de outubro

O ser humano forma a *si mesmo*:

1) no sentido de um crescimento;

2) no agir livre.

Ele pode ser:

3) incentivado ou inibido pelo que o circunda;

4) formado internamente por Deus.

Mas, conforme a qual imagem?

3 OBSERVAÇÕES LEXICAIS

Algumas observações lexicais podem contribuir para que os leitores, principalmente iniciantes, explorem melhor o texto da conferência steiniana *A ideia de formação*.

É certamente um truísmo repetir que Edith Stein possui um rigor admirável na escolha dos termos com que descreve os fenômenos por ela analisados e, particularmente, dos termos com que os nomeia. Os estudiosos de sua obra o afirmam *ad nauseam*, e a esse respeito não resta a menor dúvida quando se leem, por exemplo, suas maiores obras *O problema da empatia*, *Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito*, *Uma investigação*

sobre o Estado, *A estrutura da pessoa humana*, *Potência e ato*, *Ser finito e eterno* e *Ciência da cruz*.

Ocorre, porém, que, em função do contexto analítico-conceitual ou de seus destinatários, é também verdade que, por vezes, ela se permite certa liberdade no emprego dos termos, tomando-os de maneira fluida, não porém por imprecisão, mas com o intuito de explorar ambivalências, sinonímias, aproximações, analogias etc. Isso não se observa apenas em textos dirigidos a públicos não especializados ou escritos para divulgação em jornais e revistas, mas também em suas grandes obras; e os leitores atentos percebem quando há certos “desvios” semânticos, pois a própria Edith Stein faz que o campo lexical se rearranje e deixe clara a sua intenção. Assim, sua eventual liberdade no uso dos termos não se trata propriamente de uma “liberdade” ou “falta de limite”, mas de uma exploração de campos semânticos com o fim de obter clareza sempre maior.

No caso da conferência *A ideia de formação*, ela se serve de algumas ambivalências e associações para justamente levar seus ouvintes a entrar na complexidade do que se entende por *formação*, até porque, naquele contexto, não se fazia necessário estabelecer com rigidez a diferença entre formar segundo uma imagem, modelar, educar e treinar, como ela fará, aliás, em uma obra de maior envergadura como é *A estrutura da pessoa humana*. Todavia, aos leitores interessados nas nuances terminológicas, um cotejo entre essa obra com a presente conferência permite observar que, apesar de certa fluidez vocabular, Edith Stein mantém-se firme no emprego de termos centrais, a começar por *Bild*, que, a rigor, designa uma imagem conforme à qual algo é formado. Não se trata de uma imagem esquemática ou visual (ou sonora, olfativa etc.), mas de uma imagem-modelo que opera como ponto ideal ao qual se pretende chegar com a atividade formadora (“*Bild-ung*”). Dessa perspectiva, *Bild* também pode ser traduzido por *forma* (*Form*, a forma ou essência que se conhece de maneira inteligível, mas não sensível). Em relação com *Bild* há os termos *Gebilde*, algo ou alguém moldado, formado, seja naturalmente, culturalmente ou artesanalmente; *Urbild*, o originário, a “imagem” primeira ou o fundamento; e *Abbild*, cópia. Ainda no sentido geral da formação, Edith Stein emprega também *Formung*, rigorosamente um *dar forma*; e, para o sentido específico de *educação*, ela prefere os termos *Erziehung* e *Schulung*.

Em contraponto com *Bild*, Edith Stein emprega o termo *Gestalt* para designa uma forma entendida como um todo já conhecido, um modelo que permite formatação, modelagem, configuração de algo a partir de uma forma dado (e não uma

formação propriamente criadora, como a possibilitada por *Bild*). *Gestaltete*, derivado de *Gestalt*, significa, por sua vez, justamente algo que recebeu um ordenamento ou uma modelagem segundo um padrão.

Por fim, outro par de termos empregados como intercambiáveis na conferência de Edith Stein, mas com nuances claramente específicas, é o par *Materie/Stoff*. Geralmente, ambos são traduzidos em português por *matéria*, mas *Materie* designa o que, em nossa experiência, chamamos de material (algo material perceptível), ao passo que *Stoff* indica a matéria como substância ou ente que não é objeto de experiência (dele não há fenômeno). Uma correlação com *Gestalt* e *Form* pode iluminar a compreensão das nuances de *Materie* e *Stoff*: a *Gestalt* (que tem um caráter sensível, perceptível sensorialmente como modelo, molde) está para a *Materie* assim como a *Form* (de caráter inteligível) está para *Stoff*. Por essa razão, na presente conferência, *Materie* será traduzido por *material*, e *Stoff*, por *matéria*.